



CURSO DE TURISMO - UUCG

ANA PAULA LOPES ARRUDA

**ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: REFLEXOS NA VIDA
ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO EGRESSO DO CURSO DE
TURISMO - UUCG/UEMS**

Campo Grande – MS

2018



CURSO DE TURISMO - UUCG

ANA PAULA LOPES ARRUDA

**ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: REFLEXOS NA VIDA
ACADÊMICA E PROFISSIONAL DO EGRESSO DO CURSO DE
TURISMO - UUCG/UEMS**

Pesquisa na modalidade de artigo científico, elaborado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo no Curso de Turismo, orientado pela Professora Dr^a. Débora Fittipaldi Gonçalves.

Campo Grande – MS

2018

Ensino, pesquisa e extensão: reflexos na vida acadêmica e profissional do egresso do curso de turismo - UUCG/UEMS

Teaching, research and extension: reflections on the academic and professional life of the graduate of the tourism course - UUCG/UEMS

Resumo

A associação entre o ensino, pesquisa e extensão demorou a ser legislativamente aceita fato ocorrido apenas através da Constituição de 1988. O objetivo deste artigo é identificar a relevância dos projetos de ensino, pesquisa e extensão da UEMS na formação acadêmica e profissional dos egressos do curso de Turismo - Unidade de Campo Grande do período 2014-2017. Para alcançar os objetivos, a metodologia utilizada foi a pesquisa quali-quantitativa, descritiva e exploratória com aplicação de questionários enviados por e-mail. Para a fundamentação teórica o levantamento bibliográfico e bibliométrico e para as questões abertas foram analisadas com base no discurso do sujeito coletivo. Os resultados foram analisados mediante dados estatísticos e informações de modo a dar ordem, estrutura e significado aos dados coletados. Os resultados parciais retratam o impacto na vida dos acadêmicos a partir da participação nos projetos, demonstrando que os alunos tiveram oportunidades de novas experiências, enriquecimento do currículo entre outros impactos positivos.

Palavras-chave: turismo; turismólogo; indissociabilidade; atividade extracurricular.

Abstract:

The association between teaching, research and extension took time to be legally accepted, a fact that occurred only through the Constitution of 1988. The objective of this article is to identify the relevance of the UEMS scholarship program in the academic and professional education of the graduates of the Campo Grande Tourism Course of the period 2014-2017. To reach the objectives, the methodology used was qualitative, descriptive and exploratory research with application of questionnaires sent by e-mail. For the theoretical basis the bibliographical and bibliometric survey and for the open questions the speech of the collective subject. The results were analyzed using statistical data and information in order to give order, structure and meaning to the collected data. The partial portray results the impact on the academic's life from the participation in the projects, demonstrating that the students had opportunities of new experiences, enrichment of the curriculum among other positive impacts.

Key words: tourism; tourismologist; inseparability; extracurricular activity.

1. Introdução

A obtenção de conhecimento tem seu início na escolarização mas a construção do conhecimento tem seu real início no ensino superior, uma vez que as universidades devem cumprir obrigatoriamente esse papel. É nesse momento que se pode criar/produzir ideias e não apenas reproduzir as existentes.

É pensando nos vários papéis exercidos pelas instituições de ensino superior que elaborou-se a pesquisa que originou o presente artigo, mais especificamente voltada a questão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, quando se refere a universidade, redige que essa tem o dever de obedecer o princípio da relação entre essas três atividades.

Considerando a observação de Magnani (2002), sobre os duzentos anos de construção do ensino superior no Brasil com o expressivo esforço por parte da legislação educacional em transformação a transmissão do conhecimento em produção, percebe-se que é um dever considerar tal esforço através do exercício da indissociabilidade por parte das instituições de ensino.

Sendo assim, o tema proposto tratará da participação dos egressos do ano de 2014 a 2017 do curso de Turismo – Ênfase em Políticas Públicas e Empreendedorismo - Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em projetos de ensino, pesquisa e extensão ofertados pela instituição.

O objetivo geral é fazer um levantamento de quantos desses alunos participaram e que motivo os levaram a isso. Para complementar a pesquisa buscou-se entender qual a contribuição dessa participação na formação acadêmica e profissional dos alunos.

Outras questões são apontadas na pesquisa como o perfil dos egressos, a modalidade de bolsas em que participaram, os motivos da não inserção nos projetos entre outras que, embora não fizessem parte do objetivo principal auxiliou para definir o perfil dos bolsistas.

De modo a atingir esses objetivos a metodologia utilizada se baseia na pesquisa descritiva e exploratória com método quali-quantitativo. Os levantamentos bibliográficos e bibliométrico foram utilizados para dar embasamento teórico a pesquisa. Para obter as respostas dos egressos o instrumento de coleta de dados escolhido foi o questionário semiestruturado, feito em uma plataforma online e enviado no e-mail dos egressos.

A amostra necessária foi definida pela amostragem não probabilística por conveniência, devido ao difícil acesso aos acadêmicos, dada pela não atualização dos cadastros. Após o retorno das repostas os dados foram analisados e traduzidos em números e informações que foram discutidos nesse trabalho.

2. O turismo e a formação acadêmica e profissional

O turismo é conhecido e praticado por muitos, mas ninguém sabe definir de forma exata sua conceituação, de uma maneira geral, a atividade turística se relaciona com o ato de viajar para um lugar diferente daquele em que se reside (OMT, 2001). No entanto, a conceituação do termo passou e tem passado por vários autores que continuam na discussão sobre como definir este fenômeno (IGNARRA, 2003). Na formação acadêmica essa é uma das primeiras questões a serem pontuadas para despertar uma interpretação do aluno quanto ao que é o turismo.

Ressalta-se que o fenômeno turístico envolve diversos empreendimentos e setores que oferecem produtos e serviços para os turistas. No viés econômico ele está intimamente ligado com tudo àquilo que o visitante gasta em sua viagem (IGNARRA, 2003). É perceptível que atualmente os impactos que os viajantes causam passam não apenas pela economia, mas também pela sociedade, incluindo a cultura dessa.

De fato, o início da atividade turística deu-se apenas para com viajantes ingleses que se locomoviam por motivo de “instrução, curiosidade e descontração”, não excluindo as viagens de caráter de tratamento de saúde e estudos. Mas a partir do momento em que as viagens começam a alcançar várias nacionalidades e também a serem feitas por outras razões, gera-se duas modificações profundas que, segundo Cunha (2010, p. 2) são:

[...] a) em primeiro lugar, as viagens deixaram de ser apenas itinerantes (nomadismo) para terem um carácter também sedentário originando a criação de destinos turísticos como espaços organizados com o fim de atrair e receber visitantes temporários e, b) em segundo lugar, o alargamento dos motivos de viagem (repouso, saúde, diversão) aumentou o número dos viajantes que passavam a ser considerados também como turistas.

Como consequência desse aumento é que o turismo surgiu como atividade econômica, e assim passa a existir uma atenção especial quanto a seus conceitos. E desde então a definição desse tem-se multiplicado. No entanto, tecnicamente, ainda há muito que

ser feito para se chegar a um conceito considerado universal que seja aceito por todas as áreas que esse fenômeno envolve (CUNHA, 2010).

Como formação profissional, o Turismo tem uma dificuldade semelhante à definição do seu conceito, a falta de significado sobre quais as funções de um turismólogo e até mesmo a dimensão de suas atividades impactam negativamente a forma como esse profissional é visto. O Turismo começou a ser considerado como uma profissão a partir de uma necessidade econômica e só depois foi aberto o curso nessa área, no entanto no início de implantação dos cursos o interesse de ensinar era visando quase que apenas retornos econômicos (SILVEIRA *et al.*, 2012). Mas com o tempo, as necessidades do mercado de trabalho e da sociedade isso tomou, de certa forma, outros rumos.

Atualmente, há uma discussão em todas as áreas quanto aos impactos causados por diferentes segmentos do mercado de forma não apenas econômica, mas também social e cultural, e tais discursos podem ser observados dentro das universidades nos mais variados cursos.

Com a abertura do mercado brasileiro para a economia internacional e para investimentos, foi preciso um aumento de cursos de Turismo devido à necessidade de pessoas qualificadas (NICOLAU, 2015). Mas hoje a busca por qualificação está para além de apenas retornos econômicos, motivo muito considerado no início do curso.

Segundo Brito e Ferreira (2012, p. 5), “[...] o processo de formação profissional modifica o indivíduo e conseqüentemente, projeta mudanças na sociedade, uma vez que as atividades profissionais exercidas são embasadas em conhecimento científico, crítico e criativo”.

Conforme Nicolau (2015), colocar teoria e prática no currículo do turismo é mais complicado do que parece, dado que a área abrange diversos enfoques dificultando assim a criação de um currículo único. Sendo assim observa-se, como contraponto, a maneira como a instituição responsável pelo profissional está abordando os conteúdos, se é visando atender a demanda de mercado ou a plenitude profissional. E tomando como referência as palavras do autor, cabe dizer que a plenitude profissional gerada pela universidade acarreta em vários benefícios para as empresas, incluindo os resultados em longo prazo, uma vez que uma pessoa qualificada tem mais noções de planejamento diminuindo as reações por impulso.

No caso do turismo, a forma como tem se sustentado no mercado retrata a necessidade e importância da qualificação e formação dos profissionais da área de forma a acrescentar uma característica única na oferta do produto turístico (BRITTO; FERREIRA, 2012). Quanto a isso, o papel exercido pela universidade é apenas o início.

Segundo Martins (2012, p. 5), a formação superior pode ser considerada uma síntese de três processos, sendo esses ensino, pesquisa e extensão, sendo o primeiro, “[...] processos de transmissão e apropriação do saber historicamente sistematizado [...]”, o segundo pela concepção do saber e o último pela interferência sobre a realidade. A autora ainda afirma que o bom ensino é aquele que vai além do repasse de informações.

Entende-se então, que a universidade tem um papel importante como incentivadora e propulsora do conhecimento do acadêmico haja vista que, conforme Dencker (2002), ela não só transmite o conhecimento, mas também tem o dever de construí-lo mostrando e colocando o aluno na realidade social ao qual este será inserido. O art. 43. da Lei nº 9.394 que disserta sobre a finalidade da universidade esclarece que essa deve:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; [...] IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; [...] VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade [...] (BRASIL, 1996).

Essas funções citadas estão ligadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão e ao citar essas três modalidades de projetos lembra-se rapidamente de universidades, uma vez que esses programas são uma de suas principais características como formadora de conhecimento.

E para conhecer esses “[...] problemas do mundo presente[...]”, citado no art. 43 da Lei 9.394/96 - Lei das Diretrizes e Bases da Educação, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul contribui com bolsas de ensino, pesquisa e extensão que são um dos melhores meios para obtenção de informação, isso é comprovado quando Lacerda *et al.* (2008) relata que a maneira como a comunidade científica transmite as novas ideias e fatos é mais ágil do que os meios comuns de comunicação. A partir disso, entende-se que a participação dos alunos em programas da universidade os atualiza sobre suas possíveis áreas de atuação e cria meios, além daqueles formais, para obtenção de informações atuais possibilitando adquirir competências para se destacarem no mercado de trabalho.

Conforme o Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Turismo - Ênfase em Empreendedorismo e Políticas Públicas – UUCG/ UEMS (2014), divide-se ensino, pesquisa e extensão da seguinte maneira:

- Ensino: bolsista de ensino ou monitoria acadêmica;
- Pesquisa: bolsista de pesquisa, iniciação científica ou participação/colaboração em projeto de pesquisa;
- Extensão: bolsista de extensão ou participação/colaboração em projeto de extensão.

É importante destacar que a pesquisa e iniciação científica trabalham de forma semelhante onde o aluno realiza uma pesquisa científica. É necessário esclarecer como é e de que forma a pesquisa faz parte das atividades acadêmicas e, segundo Calazans (2017, p. 4):

[...] supõe que esteja clara a função da investigação como produção de conhecimento; que se conceba o papel da prática da pesquisa enquanto prática social; que se assuma a atividade acadêmica como um trabalho dentre outros, entendidos como fatores de transformação da sociedade.

E complementando essa, a extensão busca trazer melhorias para a sociedade, sendo possivelmente um dos motivos da grande participação nessa modalidade, como será visualizado nos resultados dessa pesquisa. Partindo desse pressuposto Deslandes e Arantes (2017, p. 1) confirmam tal conclusão ao dizer que,

As atividades de extensão têm caráter de suma importância para o acadêmico provendo sua inserção na realidade cotidiana, política, social e econômica brasileira, e a participação direta na vivência com a comunidade em que este está inserido, ensejando um ciclo de transformação social.

Sendo assim, para se tornar um profissional na área do turismo é necessário além da formação acadêmica à execução de atividades complementares, e uma dessas é a participação em projetos ofertados pela instituição de ensino (ANSARAH, 1995).

Hoje, o mercado profissional, busca pessoas que possuam formações e/ou conhecimentos extracurricular, neste sentido, a formação do bacharel em turismo permite que os graduandos tenham a possibilidade de participar em bolsas (com ou sem remuneração) voltadas a diversas áreas, porém, essas três bases do ensino superior nem sempre estiveram presentes.

A busca por uma universidade que fosse além de ensino passou por diversas fases e momentos, conforme explana Mazzilli (2011) retratando como foi o processo de mudança de apenas ensino para expansão e conexão com a pesquisa e extensão. A autora relata os principais modelos que surgiram pelo mundo e como o modelo da França influenciou o Brasil e foi implantado nele visando à formação da elite e onde a pesquisa e a extensão não se faziam necessária. Em 1932 os acontecimentos tomam também novos rumos com a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” que fazia parte de um movimento de renovação que mais tarde travaria lutas em torno do projeto de Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Este mesmo autor, Mazzilli, ainda cita a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, que foi promulgada em 1961 concomitantemente com a fundação da Universidade de Brasília (UNB) em 1962, destacando que foi nesse momento que novas discussões surgem em torno da universidade buscando agora saber “para quem e para que serve a universidade”. E é apenas no início da década de 60 que a faculdade pôde começar a ser vista como instrumento de mudança na sociedade. Porém, com o acontecimento do Golpe Militar de 1964, acaba havendo um regresso no processo, considerando que qualquer pessoa com ideais que fossem contrários ao governo, seria tratada com enorme repressão e violência. Sendo assim, é somente em 1980 após a retomada das liberdades democráticas que se volta a discutir sobre a associação entre ensino, pesquisa e extensão.

Em 1988, após muitos movimentos, e com a publicação da Constituição de 1988 que ressalta a necessidade da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e atualmente se da realidade. Pucci (1991, p. 19) afirma como esse objetivo da conexão entre as três foi muito mais do que a formulação de uma frase de efeito:

A expressão ‘indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão’ consagrada pela Constituição de 1988, não deve ser considerada como uma fraseologia de efeito, mas como uma síntese atual da história educacional brasileira que aponta diretamente para a construção de uma universidade de um bom nível acadêmico, pública, autônoma, democrática, que se coloca a serviço da realização de uma sociedade independente e soberana científica, tecnológica e culturalmente, voltada para os interesses concretos da população brasileira.

Quando se fala na indissociabilidade entre os três pilares, percebe-se dois lados existentes onde um se direciona para a relação entre elas e das três com a universidade e o outro para o conhecimento científico conectado com aquele produzido da cultura da sociedade através dos diferentes grupos nela existentes (MOITA; ANDRADE, 2009). O

objetivo é que além daqueles que se inserem no espaço da universidade, a saber, a sociedade, também se beneficie com o conhecimento ali produzido.

Mas segundo Magnani (2002), há uma fragilidade existente na associação entre essas funções da universidade, porque a realidade é que o princípio é pouco considerado na prática. Partindo desse pressuposto, hoje devido à omissão da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como fator para criação de novas instituições de ensino, o sentido mercadológico ainda existe nas universidades assim como desde o início das implantações dessas no Brasil (MACIEL, 2010).

Isso acontece principalmente nas instituições privadas dado a pouca ou nenhuma fiscalização. Castro (2004) também afirma isso ao dizer que o ensino, a pesquisa e a extensão se tornaram um pano de fundo para relacionar conhecimento científico com demandas sociais e, em sua maioria, reconhecido como uma forma de conhecimento privilegiado.

Partindo do pressuposto de que as instituições, muitas vezes, não têm cumprido as funções de ensino, pesquisa e extensão esse trabalho buscou verificar se a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul vem cumprindo a indissociabilidade ao longo da formação dos acadêmicos do curso de Turismo, buscou-se então, a resposta para esse questionamento através de uma análise com os egressos do curso desde a primeira a turma.

3. Metodologia

A metodologia utilizada no trabalho caracteriza-se pelo método qualiquantitativo, além de ser descritiva e exploratória, contendo pesquisa bibliográfica e bibliométrica. O método de coleta de dados selecionado foi o questionário, realizado por meio de um formulário online que após sua aplicação teve os dados traduzidos em números e informações. Em relação a análise das perguntas discursivas utilizou-se do método do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC.

A metodologia refere-se à maneira em que a ciência é feita além de encarregar-se “[...] dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos [...]” para fazê-la. Por essa razão ela é necessária, uma vez que não há como fazer uma pesquisa e obter resultados se não estiverem definidos os meios para tal fim (DEMO, 1983, p. 19).

Caracterizada com uma pesquisa descritiva e exploratória, optou-se na escolha da primeira por descrever metodicamente fatos e características do objeto de estudo, embora

esta, estude poucas variáveis, isso não quer dizer que seja apenas uma tabulação de dados, pois necessita uma interpretação que pode estar ligada a avaliação e até mesmo comparação desses dados (GRESSLER, 2007). Já na pesquisa exploratória, o principal objetivo é aperfeiçoar ideias e ainda permite maior domínio com o problema para assim torná-lo mais claro e com mais facilidade elaborar possíveis soluções para este (GIL, 2002).

A abordagem quali quantitativa foi utilizada pela busca em relatar a complexidade do problema aqui proposto levando em consideração todos os componentes desse (GRESSLER, 2007). Vale destacar que a diferença entre a pesquisa qualitativa e quantitativa é que a primeira trata de aspectos subjetivos e a segunda refere-se à percepção da realidade social através de números (FERREIRA, 2015).

A metodologia aqui apresentada, se baseia também na revisão bibliográfica, que segundo Gressler (2007) além de evitar a duplicação de trabalhos já realizados permite que se tenha um melhor posicionamento quanto à interpretação dos resultados de um novo estudo podendo também fazer comparações úteis com estudos já produzidos na área da pesquisa.

O levantamento bibliométrico fez-se parte dos métodos da pesquisa, uma vez que este é entendido como uma prática multidisciplinar, que é usada para verificar trabalhos e autores mais importantes que falem do assunto em diferentes períodos e situações (BRUFEM; PRATES, 2005), possibilitando principalmente o levantamento e utilização de publicações mais recentes.

Para que a pesquisa em questão forneça resultados úteis e, principalmente, profícuos e concisos, escolheu-se o questionário como instrumento de coleta de dados, já que este permite, principalmente, um conhecimento direto da realidade onde “[...] as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, crenças e opiniões [...]” (GIL, 2002, p. 33). O questionário foi enviado por e-mail através de um link que dava acesso ao formulário online do *Google*. A amostra total foi de 54 alunos onde o número de respostas necessárias foi feita por amostragem não probabilística por conveniência, devido ao difícil acesso aos egressos.

De forma a não limitar as respostas dos entrevistados, elaborou-se duas questões abertas para o motivo e a contribuição da participação nos projetos. Os dados resultantes dessas perguntas foram analisados ponderando-se o método DSC. Para entender melhor do

que se trata o método conhecido como DSC cabe citar Duarte *et al.* (2009, p. 4) que diz que:

O DSC é uma técnica de construção do pensamento coletivo que visa revelar como as pessoas pensam, atribuem sentidos e manifestam posicionamentos sobre determinado assunto. Trata-se de um compartilhamento de ideias dentro de um grupo social.

É importante ressaltar, que na pesquisa, foram utilizadas três figuras metodológicas: a expressão-chave – E-Ch, a ideia central – IC, e o DSC. Para análise das principais respostas dadas pelos egressos de modo a chegar a um discurso síntese, foram utilizados dois instrumentos de análise do discurso: IAD-1 e IAD-2.

Elaborando o IAD-1 foram transcritas as E-Ch identificadas em cada entrevista, que expressam os eixos definidos para análise. Após essa transcrição foram destacadas as IC de cada E-Ch. Por exemplo, cinco sujeitos relataram serem motivados a participar dos projetos para obter conhecimento, aprendizado ou para, através desse conhecimento, definir questões sobre o trabalho de conclusão de curso. Ou seja, cada sujeito escreveu da sua maneira a mesma ideia, dessa forma chega-se a uma ideia central, a saber, a motivação pelo “[...] conhecimento, aprendizado e auxílio no trabalho de conclusão de curso [...]”.

Os instrumentos de análise do discurso (IAD) são usados para auxiliar todo o trajeto que levará a produção do Discurso do Sujeito Coletivo (DUARTE *et al.*, 2009). O modelo IAD-1, conforme descrito acima, expressa as falas com ideias centrais em comum de vários sujeitos, podendo assim chegar a uma ideia central única para em seguida construir o modelo IAD-2. Conforme Figueiredo *et al.* (2013, p. 4), a ideia central se definiu como:

[...] um nome ou expressão linguística que revela, descreve e nomeia, da maneira mais sintética e precisa possível, o(s) sentido (s) presentes em cada uma das respostas analisadas e de cada conjunto homogêneo de ECH, que vai dar nascimento, posteriormente, ao DSC.

No IAD-2 foram agrupadas e transcritas literalmente as E-Ch de todas as entrevistas que se referem às IC encontradas, sendo possível assim formular um DSC para cada IC. Desta forma, para a formulação do DSC foram agrupadas as E-Ch de maneira que formassem um discurso coerente. Para tanto, foram utilizados conectores para dar sentido ao DSC, sem que isso alterasse a estrutura da frase apresentada por participante.

Utilizando-se então dos discursos dos sujeitos que formaram a ideia central “conhecimento, aprendizado e auxílio no trabalho de conclusão de curso”, por exemplo, obteve-se o discurso do sujeito coletivo como se um respondesse por todos resultando na DSC “buscar adquirir conhecimento e aprendizado, auxiliar na escolha e pesquisa do trabalho de conclusão de curso”.

Os dados foram dispostos por meio das falas individuais dos sujeitos entrevistados sintetizadas de onde surge o discurso síntese do DSC, sendo seguido da sua análise e da discussão. Cada DSC foi decodificado e apresentado na Tabela 1 e Tabela 2, onde esses são identificados, mencionando os egressos que representam e o número que responderam.

TABELA 1 – RESPOSTA DA POPULAÇÃO SOBRE OS MOTIVOS DA PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS.

Discurso do Sujeito Coletivo	Total (N=9)
1.1 Conhecimento, aprendizado e auxílio no trabalho de conclusão de curso	5
1.2 Conteúdo extracurricular, aperfeiçoamento acadêmico, desenvolvimento como pesquisadora no tema de interesse	4

Fonte: Arruda (2018)

TABELA 2 – RESPOSTA DA POPULAÇÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS NA VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Discurso do Sujeito Coletivo	Total (N=10)
1.3 Teoria aliada a prática, novas experiências e transmissão de conhecimento	4
1.4 Produção acadêmica, inserção na pesquisa e conhecimento para melhorar apresentações e textos científicos	3
1.5 Diferencial no currículo e escolha da área de atuação	3

Fonte: Arruda (2018)

Então com os DSC das tabelas construídas acima que a análise dos resultados pôde ser complementada, de modo a possibilitar um melhor esclarecimento da realidade do que os egressos relatam de suas participações como bolsistas dos projetos da UEMS.

4. Resultados e discussão

Com os métodos da pesquisa definidos, com embasamento teórico necessário e com um número expressivo de questionários respondidos seguiu-se para a análise dos dados. É relevante saber que 54 formulários foram enviados e 23 deles foram respondidos.

Do público alcançado na pesquisa, 56,5% foi feminino enquanto o restante, 43,5%, masculino. Esse número maior da participação de mulheres pode explicado através da última edição dos dados do Censo da Educação Superior de 2016 que revelou que 57,2% dos estudantes no Ensino Superior são mulheres (INEP, 2018).

Segundo dados do Censo da Educação Superior (Ministério da Educação, 2016), a média de idade de alunos que realizam a matrícula na universidade nos cursos presenciais é de 21 anos enquanto de concluintes do curso a média é de 23 anos. E conforme análise da questão de número 2, referente à idade do público pesquisado, tem-se os seguintes números: 47,8% de 18 a 25 anos; 26,1% de 26 a 35 anos; 17,4% de 36 a 45 anos; 8,7% de 46 a 60 anos.

Tais dados confirmam a pesquisa do Censo da Educação da média de 23 anos, isso pode dar-se pelo fato de que a partir dessa idade a maioria da população tem responsabilidades com despesas de casa necessitando trabalhar, o que dificulta conciliar estudo e trabalho, mas isso será visto e colocado em análise mais a frente.

Vale destacar que os formulários foram enviados para os egressos do curso desde sua primeira turma de formação (2014) totalizando quatro turmas, sendo assim, foi perguntado em qual ano esses se formaram. A porcentagem das respostas entre os anos é expressa da seguinte forma: 47,8% são formandos de 2017; 21,7% do ano de 2016; 17,4% de 2015; 13% da turma de 2014.

Não há explicações comprovadas do porquê dos números acima, mas é possível dizer que o fato da quantidade da amostra ser maior para com os formandos do ano de 2017 pode ter ocorrido porque os e-mails foram atualizados mais recentemente e assim os egressos os acessam com mais frequência. Isso também explica a diminuição do número de respostas conforme o ano de conclusão se faz mais antigo.

Entendendo a universidade como formadora de profissionais, focando na inserção desses no mercado de trabalho, buscou-se saber o quantitativo que atuou ou atua na área do turismo. É perceptível que os resultados são expressivos, onde do público entrevistado

60,9% relataram já haver atuado ou atuar na área do Turismo e apenas 39,1% deram não como resposta. A partir dos dados pode-se perceber que embora o senso comum diga que não há vagas para o bacharel em turismo a realidade vem sendo diferente, dado que mais da metade dos egressos já exerceu sua profissão como Turismólogo.

Ainda tomando como referência a inserção dos turismólogos no mercado cabe citar Tomazoni (2007) quando esse escreve que a empregabilidade no setor do turismo pode ser mais complicada de se analisar, uma vez que há dificuldades por causa da diversidade de segmentos, da suscetibilidade aos fatores sociais e ainda mais pelas questões demográficas.

E pensando na diversidade de áreas de atuação, foi realizado um levantamento na pesquisa sobre quais áreas esses egressos atuaram ou atuam. Segundo Ansarah (2002), as áreas de atuação de um turismólogo podem ser as seguintes: hospedagem, transporte, agenciamento, alimentação, lazer, eventos, órgãos oficiais, consultoria, marketing, magistério, publicações, especialização em mercado segmentado e pesquisa. Vale ressaltar que os números da análise não são expressos em porcentagem e sim em quantidades, uma vez que o entrevistado poderia escolher mais de uma opção. Dessa forma, o que se tem são os resultados mostrados nos tópicos a seguir, onde nota-se um maior número de atuação na área de meios de hospedagem: 8 em Meios de Hospedagem; 4 em Planejamento e Organização de Eventos; 3 em Gastronomia/A&B; 2 em Meio Ambiente; 2 em Agências e Transporte; 2 em Lazer, Recreação e Entretenimento; 1 em Ecoturismo; 1 em Órgão Público; 1 em Marketing e Operações.

Essa preponderância na área de Meios de Hospedagem se dá por ser uma das grandes atratividades para aqueles que se envolvem no setor turístico, além do segmento estar sempre precisando inovar, principalmente devido as mudanças tecnológicas do século (MARTINELLI, 2004). Partindo desse pressuposto, quanto mais recente a formação a tendência é estar mais atualizado sobre as necessidades do mercado, por isso a possibilidade de inserção no segmento.

Complementando a análise acima, dados da Fundação de Turismo - FUNDTUR (2018), em pesquisa realizada pelo Observatório de Turismo, revelam que o estado de Mato Grosso Sul conta com 237 meios de hospedagem com um total de 9.212 unidades habitacionais e 21.856 leitos. Sendo que a capital Campo Grande detém 18,99% dos meios de hospedagem.

Em relação ao segundo segmento de maior inserção desses bacharéis, segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e da Ciência e Tecnologia - SEDESC (2017), Campo Grande tem uma infraestrutura excelente preparada para receber eventos de porte nacional e internacional. A partir disso a quantidade de atuantes na área é realidade de que as vagas nesse segmento tem se tornado significativa na capital.

Embora o número de egressos que não se inseriram no mercado seja menor esse ainda é um fator de preocupação, além de questões financeiras considerando também as questões psicológicas. Tal declaração pode ser comprovado na obra de Oliveira *et al.* (2018) onde esses afirmam que a desocupação, principalmente dos recém-graduados, deve ser pensada, ainda mais em uma sociedade que os pressiona lembrando sempre que tempo vale ouro. Os autores completam ao retratar que a maneira como o cotidiano tem se estruturado tem formado a ideia de que o não fazer nada, chamado de ócio, é como se não se estivesse vivendo em sua total plenitude, esses ainda relatam que isso se deve a lógica capitalista onde produtividade é sinônimo de existir de uma maneira considerada plena (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Mas pensando nas exigências do mercado atual, questiona se a ausência de inserção não se dá ao fato da pouca busca por qualificação profissional. Sendo assim procurou-se levantar quantos desses egressos participaram em projetos oferecidos pela universidade podendo, dessa forma, enriquecer o currículo e se diferenciar dos demais concorrentes no mercado. Ao questionar os egressos sobre a participação em projetos os resultados obtidos são de que 52,2% não chegaram a participar de projetos e o restante (47,8%) esteve inserido no universo dos projetos acadêmicos.

Com a análise desses resultados, percebe-se que instituição tem exercido seu papel de trabalhar com a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão exigida no artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Mas, ainda assim ,o número de participantes não atinge a metade daqueles que responderam a pesquisa. Dessa forma cabe aqui buscar entender, ainda que superficialmente, o porquê da não participação desses ex-alunos.

As respostas referentes aos motivos da não participação podem ser verificadas abaixo, onde se percebe que a falta de tempo é fator determinante seguido da falta de projetos voltados à área de interesse. Os resultados são demonstrados por quantidade pela possibilidade na questão de escolher mais de uma opção: 7 por falta de tempo; 6 devido a falta de projetos voltados a área de interesse; 1 por falta de interesse; 1 pela falta de

incentivo dos professores; 1 por causa do horário de trabalho incompatível com o dos projetos.

Um dos motivos referentes à falta de tempo pode ser por motivo de trabalho, fato que não foi verificado na pesquisa, mas pode-se presumir tomando como referência os dados do IBGE (2015) que revelam que no ano de 2014 pessoas na faixa etária entre 15 e 29 anos que estuda e trabalha ao mesmo tempo chegou à proporção de 17,3%. O fato de não haver pesquisas recentes sobre o assunto dificulta, de certa forma, saber a atual realidade, principalmente devido às mudanças econômicas ocorridas do período compreendido da pesquisa até o atual.

O segundo item mais escolhido se refere a “falta de projetos voltados à área de interesse”, esse pode se tratar de um equívoco ou falta de comunicação, pois como acadêmico é possível submeter projetos da área de interesse buscando orientação com o professor que mais se identifica com assunto e com o aluno.

Sendo assim, pode-se considerar que a coordenação do curso de Turismo em questão tem cumprido um dos objetivos a ela determinado pelo PPC da UEMS (2014), onde esse define que a mesma deve assumir o papel de incentivadora dos acadêmicos na participação em atividades acadêmicas complementares.

Considerando que a Universidade tem cumprido seu papel de estimular os alunos a participarem das atividades acadêmicas complementares, foi questionado quais foram as modalidades de projetos que os 47,8% fizeram parte. Os resultados também são expressos em quantidade levando em consideração o fato de alguns egressos terem participado de mais de um projeto, sendo assim tem-se os seguintes números: 6 bolsistas de monitoria acadêmica; 5 de projetos de extensão; 3 colaboradores em projeto de pesquisa; 2 em bolsas de iniciação científica; 1 colaborador de projeto de extensão; 1 bolsista de pesquisa; 1 de ensino.

Buscando entender a motivação dos egressos em haver participado dos programas de bolsas da universidade, as respostas foram analisadas ponderando-se o método do discurso do sujeito coletivo. As perguntas foram as seguintes:

- 1 Quais motivos o levaram a participar do programa de bolsas ofertado pela UEMS?**
- 2 De que maneira sua participação no projeto contribuiu para sua formação acadêmica e profissional?**

A ideia central “conhecimento, aprendizado e auxílio no trabalho de conclusão de curso” deu origem ao DSC 1.1 “buscar adquirir conhecimento e aprendizado, auxiliar na escolha e pesquisa do trabalho de conclusão de curso”, escolhida por cinco egressos. Dado o DSC 1.1, cabe discutir sobre os modelos tradicionais de ensino, a saber, as explicações do que era, o que é, a execução de atividades em sala seguida das atividades realizadas sozinho. Oliveira (2006) reflete nesse modelo de ensino esclarecendo que é preciso sair do tradicionalismo trabalhando com uma nova concepção de ciência.

Essa nova concepção do processo citada pela autora ocorre nos projetos experimentais e de pesquisa, monitoria, trabalhos monográficos entre vários outros que despertam o interesse e podem inspirar a criatividade dos acadêmicos em produzir/criar. Visto isso, é possível entender e confirmar a motivação descrita no DSC 1.1 acima que se relaciona com a busca por aprender e se encontrar no processo de aprendizagem.

O DSC 1.2, referente à ideia central “conteúdo extracurricular, aperfeiçoamento acadêmico e desenvolvimento como pesquisadora no tema de interesse”, foi transcrito no discurso “aprender conteúdos além daqueles em sala de aula através das atividades extracurriculares possibilitando o aperfeiçoamento acadêmico, pesquisa de tema de interesse e desenvolvimento como pesquisadora”. Quatro egressos demonstraram tais motivos.

Tomando como referência o aprender, através de atividades extracurriculares, a Orientação para as Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação, homologada através do parecer nº CNE/CES 776/1997 (BRASIL, 1997b), aprovado em 03/12/1997, estabelece o currículo acadêmico como algo que deve ser flexível. Pode-se perceber que motivados por essa orientação que o currículo de diversos cursos começa a dar mais valor às atividades extracurriculares tendo em vista que essas podem enriquecer as características acadêmicas e profissionais do aluno. As atividades extracurriculares são apenas parte dos motivos do DSC 1.2, e continuando a análise sobre a “pesquisa de um tema de interesse” vale observar a fala de Morosini (2015, p. 2) quando essa redige sobre componentes do trabalho científico, revelando que:

[...] estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Através da fala da autora, de que a produção de um trabalho envolve uma determinada área de pesquisa, é que se pode confirmar o motivo pelo qual alguns egressos participaram de projetos. Afinal, toda pesquisa agrega valores ao pesquisador, ainda mais quando se trata de um tema de interesse podendo incentivar o acadêmico a seguir carreira na pesquisa.

As respostas da questão referente à contribuição dos programas na formação acadêmica e profissional dos egressos são analisadas nos DSC 1.3, 1.4 e 1.5 discutidas a seguir, de maneira a entender melhor os conhecimentos e habilidades que os egressos adquiriram durante o processo de estudo.

O DSC 1.3 “[...] por poder ver e colocar em prática o conteúdo teórico aprendido em sala obtendo novas experiências e transmitindo o conhecimento para a sociedade” é resultado da ideia central sobre “teoria aliada à prática, novas experiências e transmissão de conhecimento”, e foi escolha de quatro egressos.

Ressalta-se que a realidade do mercado pode, muitas vezes, ser diferente das teorias passadas em sala, por isso a importância dada pelos egressos à oportunidade de exercer na prática o conteúdo aprendido. Essa é uma das explicações para a motivação expressa na DSC 1.3 e pode ser afirmada pela obra de Gondim (2002, p. 2) quando essa retrata que:

A ênfase numa formação generalista e a ampliação das possibilidades de experiência prática durante o curso superior são avaliadas como alternativas para atender a exigência de um perfil multiprofissional e proporcionar a maturidade pessoal e a identidade profissional necessárias para agir em situação de imprevisibilidade, realidade a que estão sujeitas as organizações atuais.

Ao se colocar na realidade existente os acadêmicos se viam em um mundo diferente daquele exposto em sala tendo assim novas experiências e aprendizados capazes de deixar os acadêmicos mais preparados para inserção no mercado de trabalho e mais aptos a realizarem com êxito suas funções como profissionais. E nas bolsas de extensão ainda havia a possibilidade de compartilhar o conhecimento com a comunidade.

Partindo para a análise do DSC 1.4, que se formou a partir da ideia central “produção acadêmica, inserção na pesquisa e conhecimento para melhorar apresentações e textos científicos”, mostra que a participação nos projetos “contribuiu para o desenvolvimento de um artigo, na pesquisa do trabalho de conclusão de curso, inserção no universo da pesquisa científica e adquirir conhecimentos que melhoraram as apresentações e textos científicos”, sendo esse DSC resposta de três egressos.

Segundo Oliveira (2006), a elaboração do trabalho do final do curso -TCC, traz enriquecimento para o aluno na vida profissional e também para avaliações (ex: o Exame Nacional de Cursos). Além disso, a proposta do TCC é de trabalhar a interdisciplinaridade e integração dos conteúdos através de realidades práticas. Sendo assim, obter dados ao longo da formação acadêmica através dos projetos para a produção do trabalho foi importante para alguns egressos.

A possibilidade também de inserir-se na sociedade, ou no mínimo ter uma visão mais intimista dessa, expõe a relevância da participação nesses projetos ofertados para produções acadêmicas, nas quais se incluem o trabalho de conclusão de curso e artigos. E também é assim que o aluno pode se identificar com a área da pesquisa e seguir carreira nessa.

Ao ingressar nesses projetos, os benefícios alcançam alunos e professores, na sua função de ensino, considerando o aprendizado para escrever e apresentar trabalhos. Segundo Oliveira (2001), os professores percebem que a maior dificuldade dos alunos nos trabalhos, principalmente de cunho científico, trata-se da inexperience em lidar com a *forma* científica. Sendo assim os projetos são uma saída para que dificuldades em realizar textos e seminários sejam melhoradas. Partindo desse pressuposto é possível ver que aprender a trabalhar de forma científica pode auxiliar em todo o percurso da vida acadêmica.

O último discurso do sujeito coletivo é o 1.5 que trata do diferencial no currículo, além de entender a colação, como egresso, no mercado. A resposta foi redigida por três egressos e resultou no DSC 1.5 que é “agregar um diferencial no currículo e auxiliar na escolha da futura área de atuação”.

Considera-se que, especialmente no século XXI, as exigências referentes ao currículo tem aumentado o que pode ser percebido também devido ao avanço tecnológico. Tal afirmação pode ser vista e comparada com a fala de Gondim (2002, p. 2), onde afirma que “o desenvolvimento científico e tecnológico, suporte fundamental da globalização, aumenta a complexidade do mundo e passa a exigir um profissional com competência para lidar com um número expressivo de fatores”. É desta forma que hoje tem se exigido profissionais mais qualificados e com um currículo diferenciado para atuar nas mais variadas empresas existentes em todos os segmentos, inclusive no Turismo.

Visualizar a realidade do mercado e de cada segmento possibilitou aos egressos se imaginar ou não no mercado, podendo assim evitar um descontentamento quanto à escolha da sua área de atuação além de otimizar o tempo em “descobrir” com o que ele se identifica.

5. Considerações finais

O turismo envolve diversos setores que se relacionam de forma direta e/ou indireta formando assim a cadeia produtiva ampla e diversificada do turismo, e considerando essa amplitude é mais do que necessário se preparar para a atuação como um profissional da área. Realizar atividades extracurriculares ainda é uma das formas mais eficazes de adquirir habilidades que podem preparar os acadêmicos para a inserção no mercado.

A análise por meio de aplicação de questionário foi parte principal desse trabalho possibilitando chegar a uma conclusão, mesmo que em partes, dos impactos causados na vida acadêmica e profissional dos egressos do curso de Turismo da UEMS.

Um ponto de relevância na pesquisa é que o papel da universidade de trabalhar a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão tem sido cumprido, tendo em vista que quase metade dos egressos que responderam a pesquisa participou de alguma forma em projetos voltados a alguma dessas três modalidades. Muitos são os que não estiveram no universo dos programas ofertados, mas a maioria desses não tinham tempo para fazê-los, fator que não está sob controle da instituição de ensino e que depende de fatores externos a essa.

Quanto às motivações e contribuições trazidas através da participação em bolsas observa-se, por vezes, que há algumas semelhanças nas respostas. Isso acontece porque o objetivo estabelecido foi o motivo para que alguns participassem dos projetos, fato esse que fez com que a contribuição na formação dos acadêmicos fosse a realização do objetivo inicial durante o percurso do projeto.

A análise da inserção no mercado se fez um fator importante por permitir saber se os egressos estão conseguindo exercer sua profissão. A não inserção de alguns desencadeou o questionamento sobre a busca de qualificação durante a graduação. Pensando nas possibilidades existentes na universidade surgiu a pergunta se esses egressos participaram de projetos da UEMS, e menos da metade chegou a participar dessas.

Os egressos que estiveram inseridos no universo dos programas da universidade relataram ter obtido contribuições de relevância na sua vida acadêmica e profissional que

vão desde novas experiências até o enriquecimento do currículo. Concluiu-se que, a universidade tem cumprido seu papel na indissociabilidade, mas, ainda assim, o número de não participantes ultrapassa a metade dos egressos que responderam a pesquisa.

Existem outros pontos identificados no decorrer da pesquisa, estes se apresentam e desafiam novas abordagens e investigações acerca da temática, dentre eles, destaca-se que se faz necessário analisar os dados e ponderar se há algo que a instituição possa fazer para melhorar os números não só em quantidade mas também em qualidade.

Dentro dessas novas abordagens, cabe uma análise para identificar se dentre os egressos que estiveram ou estão inseridos no mercado se encontram os mesmos que participaram de projetos na universidade, para verificar se as questões de qualificação na universidade realmente estão sendo absorvidas pelo mercado.

6. REFERÊNCIAS

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Educação e Formação do Bacharel em Turismo**. Turismo em Análise, São Paulo, v.6, n. 1, maio 1995.

_____. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo, Aleph, 2002.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação**. Parecer n. 776, de 3 de dezembro de 1997. Relatores: Carlos Alberto Serpa, Éfrem de Aguiar Maranhão, Eunice Durham, Jacques Velloso e Yugo Okida. 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

BRASIL. INEP. **Mulheres são maioria na Educação Superior Brasileira**. 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 10 out. 2018.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRITO, Gustavo André Pereira de; FERREIRA, Aline Oliveira. **Bacharel em Turismo, Formação Profissional e Inserção no Mercado de Trabalho**. Revista Cultural e Científica Carpe Diem, Natal, v. 10, n. 10, jan/dez. 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/208/74>>. Acesso em: 20 maio 2018.

BUFREM, Leilah; PRATES, Yara. **O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28551>>. Acesso em: 20 maio 2018.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. **A iniciação científica: um aprendizado do trabalho científico da realidade social**. Revista Educação Em Questão, v. 5, n. 2, 190-196, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/12194>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. **A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu, 2004. Anais... Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t1111.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

CUNHA, Licínio. **A Definição e o Âmbito do Turismo: um aprofundamento necessário**. ReCiL – Repositório Científico Lusófona, 2010. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/665/A+Defini?sequence=1>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

DEMO, P. **Introdução a Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1983.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e Interdisciplinaridade no Ensino Superior: uma experiência no curso de turismo**. Aleph, São Paulo, 2002.

DESLANDES, Maria S. S.; ARANTES, Álisson R. **A extensão universitária como meio de transformação social e profissional**. Minas Gerais, Sinapse Múltipla, v. 6, n. 2, 179-183, 2017. Disponível em: <<http://seer.pucminas.br/index.php/sinapsemultipla/article/download/16489/12678>>. Acesso em: 13 out. 2018.

DUARTE, Sebastião Junior Henrique *et al.* **Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: Representações Sociais e Discurso do Sujeito Coletivo**. Saúde Soc. São Paulo, v. 18, n. 4, p. 620-626, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000400006>. Acesso em: 20 out. 2018.

FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa: Perspectivas para o Campo da Educação**. Mosaico, Goiás, v. 8, n. 2, p. 173-182, jul./dez de 2015.

Disponível em: <tede2.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4424/2546>. Acesso em: 23 abr. 2018.

FIGUEIREDO, Marília Z. A. *et al.* **Discurso do Sujeito Coletivo**: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrb Comun*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/download/14931/11139>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FUNDTUR. **Boletim do Observatório do Turismo de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, 2018. Disponível em: <http://www.turismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/54/2018/05/Boletim_01_Observatorio_Jan_Fev_Mar_2018_Web.pdf>. Acesso em: 31 out. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Perfil Profissional e Mercado de Trabalho**: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 299-309, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a11v07n2.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. São Paulo: Loyola, 2007. 328 p.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais 2015**. Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. 2015. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024435512102015554204137967.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2018.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2 ed. rev. e ampl., 2003.

LACERDA, A. L. *et al.* **A Importância dos Eventos Científicos na Formação Acadêmica**: Estudantes de Biblioteconomia. *ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p.130-144, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2684281.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

MACIEL, Alderlândia da Silva. **O Princípio da Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão**: Um Balanço do Período 1988-2008. 2010. Tese (Pós-graduação em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. São Paulo, 196 p., 2010.

MAGNANI, Ivetti. **Ensino, pesquisa, extensão e a nova tipologia do ensino superior brasileiro**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., Caxambu, 2002. Anais... Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: <http://25reuniao.anped.org.br/ivettimagnanit11.rtf>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MARTINELLI, José Celso. **Fundamentos multidisciplinares do turismo: hotelaria**. IN: Turismo como aprender como ensinar. ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (orgs). São Paulo: Senac, 2004.

MARTINS, Lígia Márcia. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em:
<http://pos.estacio.webaula.com.br/Cursos/POS452/docs/Ensino_pesquisa_extensao.pdf>. Acesso em: 22 set. 2018.

MAZZILLI, Sueli. **Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado**. RBPAAE, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 205-221, maio/ago. 2011. Disponível em:
<<http://www.seer.ufrgs.br/rbpae/article/download/24770/14361>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Notas Estatísticas Censo da Educação Superior 2016**. 2016. Disponível em:
<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ensino-Pesquisa-Extensão: um exercício de indissociabilidade na graduação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27511688006>>. Acesso em: 24 set. 2018.

MOROSINI, Marília Costa. **Estado de Conhecimento e Questões do Campo Científico**. Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, 2015. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/15822/pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

NICOLAU, Tamara Silva. **Construção do Conhecimento do Turismo: competências necessárias para o exercício da profissão do turismólogo**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

OLIVEIRA, Glória Aparecida Pereira de. **As Atividades Acadêmicas e a Formação para Pesquisa: o trabalho de conclusão de curso**. 2006. Disponível em:
<<http://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/view/109>>. Acesso: 18 out. 2018.

OLIVEIRA, Malu Nunes de *et al.* **Produção Acadêmica sobre a Desocupação em Jovens Recém-Graduados: Análise Fenomenológico-Existencial.** Abordagem Gestáltica, v. 24, n. 3, p. 390-401, set/dez. 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6549684>>. Acesso em: 11 out. 2018.

OMT. Organização Mundial de Turismo. **Introdução ao turismo.** Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

PUCCI, Bruno. **A indissociabilidade entre Ensino Pesquisa e Extensão.** Impulso, Piracicaba, 1991.

SEDESC. **Locais para realizações de eventos.** 2017. Disponível em: <<http://www.campogrande.ms.gov.br/sedesc/artigos/locais-para-realizacoes-de-eventos/>>. Acesso em: 13 out. 2018.

SILVEIRA, C. E. *et al.* **Quatro Décadas de Ensino Superior de Turismo no Brasil: Dificuldades na Formação e Consolidação do Mercado de Trabalho e a Ascensão de uma Área de Estudo como Efeito Colateral.** Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 14, n. 1, p. 06-18, jan/abr. 2012. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/2659/2163>>. Acesso em: 24 maio 2018.

TOMAZONI, Edgar Luís. **Educação Profissional em Turismo.** Cria-se Mercado pela Formação? Turismo em Análise, v. 18, n. 2, p. 197-219, nov. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/download/62598/65386/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

UEMS. **Projeto Pedagógico Curso de Turismo – Ênfase em Empreendedorismo e Políticas Públicas – Bacharelado,** Unidade Universitária de Campo Grande – MS. 2014, Campo Grande – MS.